ANO 2.º LISBOA--QUINTA-FEIRA, 8 DE JUNHO DE 1922 N.º 361

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

O dr. Elias de Aguiar, regente do Orfeão Academico de Coimbra, foi ha dois anos contratado, ao abrigo da lei n.º 861, para reger a cadeira de musica e canto coral, anexa á Faculdade de Letras da Universidade. Ha dois anos que não recebe os seus vencimentos.

Quando se discutia o orçamento do Ministerio da Instrução, houve quem se encarregasse de fazer eliminar a verba que lá estava inscrita com esse fim. A furia cega das economias não pôde tolerar um tal dispendio.

Assim, o dr. Elias de Aguiar vê-se obrigado a deixar Coimbra, onde a sua acção se exercia com grande proveito para a educação artistica dos academicos.

Não haveria meio de reparar esta *precipitação*, pagando-se a quem trabalha com tanto amor para expungir dos corações juvenis tantos fermentos de odio que a nossa politica tem criado?

* * *

APARECEU hoje, em todas as livrarias, o livro de Clarinha—*Chá das Cinco*. E' um acontecimento no mundo literario, devendo a edição esgotar-se rapidamente.

O fino espirito da autora mostra-se em todas as suas modalidades—ironico, sentimental, ligeiro, gracioso, mordaz e terno.

A série de dialago, que formam o *Chá das Cinco*, são qualquer coisa de tão fóra do vulgar que a sua leitura prende e cativa como um renovado encanto.

A *Portugalia*, da rua do Carmo, esmerou-se na edição.

* * *

BRANCA de Gonta Colaço dignou-se visitar o *Diario de Lisboa* que lhe significou, com a alta consideração em que tem o seu formoso talento de poetisa, um profundo reconhecimento por tamanha gentilesa. Ofereceu-nos o seu recentissimo trabalho—*Auto dos Faroleiros*—que constituiu um raro clarão de idealismo e belesa, durante as noites em que foi representado no Nacional. Brevemente daremos aos nossos leitores a transcrição dalgumas das suas cenas mas emocionantes.

* * *

O QUADRO de Rembrandt—*S. Paulo na prisão*, que estava no museu de Sttutgart, foi roubado ha dias. Atribue-se-lhe um valor de mais de cinco milhões de marcos.

Não ha de ser facil vende-lo, visto tratar-se de uma obra universalmente conhecida, o que nos leva a crêr que quem o roubou ficou na mesma situação de S. Paulo — prisioneiro. Com esta diferença— prisioneiro... do seu roubo.

* * *

FORAM concedidos sessenta dias de licença ao bacharel Virgilio Correia Pinto da Fonseca, professor de Estectica e Historia de Arte, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, para, a partir de 15 de Junho, continuar na Italia os seus estudos ácêrca dos artistas portugueses que viveram neste país.

* * *

O *Diario de Lisboa* publica hoje, na sua terceira pagina, uma entrevista sensacional que o nosso redactor Norberto Lopes fez em Pernambuco com o padre João Baptista Gonçalves, antigo superior dos jesuitas em Portugal.

* * *

QUANDO é que a empresa que explora o teatro de S. Carlos se dignará mandar sacudir o expessissimo pó das cortinas de bôca, que aliás são de veludo de seda?

A ESTRADA DA GLORIA!

A ASCENÇÃO DO "FAIREY 17"

entre flores, morteiros e repiques dos sinos

PERNAMBUCO EM EXTASE ACLAMA OS AVIADORES NO DIVINO INSTANTE DA LARGADA

PERNAMBUCO, 8.—Os aviadores largaram ás 8 horas, em meio de vibrantissimas aclamações. A multidão acompanhou-os até ao cais vitoriando-os com delirio. Muitos barcos foram, embandeirados, assistir ao levantar do vôo. Quando o «Fairey 17» se ergueu no espaço, o entusiasmo attingiu proporções colossais. Toda a cidade voltou a palpitar de emoção, sobretudo quando o aparelho pairou por minutos sobre ela. Os sinos repicaram de novo, festivamente, e queimaram-se centenas de morteiros. A' despedida os aviadores passaram sob uma verdadeira chuva de flôres. Devem passar sobre Maceió, aonde os aguardam com ansiedade, ás 10,30. Daqui até lá são 110 milhas e de Maceió á Baia cerca de 300. A chegada ali está calculada para as 15 horas.

O consul de Portugal recebeu um entusiastico telegrama do presidente da Republica Portuguesa saudando a colonia pela recepção feita.

Li o telegrama que Sacadura Cabral enviou ao ministro da Marinha de Portugal. Devem sabê-lo já ai. Diz que a travessia é obra do ministro.—(Correspondente).

A chegada de Sacadura Cabral ao «Bagé»

O heroico piloto munido com um cinto de salvação subindo pela escada do quebra-costas *do vapor do* Lloyd Brasileiro, *vindo na vedeta automovel do cruzador* Republica, *em frente aos penedos de S. Pedro e S. Paulo*

ELE—Não posso mais... estou farto desta vida!

ELA—Quem te ouvir há-de julgar que eu te fiz infeliz...

ELE—Não me queixo de ti... nem mesmo de mim.

ELA—Nesse caso, não compreendo!

ELE—E' bem simples: casámos sem nos conhecermos e agora vivemos indiferentes um ao outro, entendes?

ELA—Mas não me parece motivo auficiente para tão grande resolução...

ELE—Que dizes tu? Queres continuar este viver?

ELA—Prefiro-o a tudo. Não quero ser uma divorciada!

ELE—Agrada-te a mentira, a hipocrisia...

ELA—Não. Detesto uma e outra. Acho, porém, que nos devemos sacrificar, até que os nossos corações se unam.

ELE—Julgas que o amor nasce, depois do casamento?

ELA—Assim penso. Com boa vontade, tudo se consegue. Não faremos um romance, mas teremos um lar construido só com as nossas mãos.

ELE—Essa empresa excede as nossas forças...

ELA—Enganas-te. O nosso casamento surgiu duma ilusão, mas a nossa felicidade ha de sair duma certesa.

ELE—Aceito, mas se nada conseguirmos?

ELA—Então, só nos resta uma saída—viajarmos, separadamente, por tão longe e durante tanto tempo que a nossa casa caia em ruinas sobre a ruina dos nossos corações desfeitos.

* * *

A bailarina espanhola, Laura de Santelmo, que se estreou no *Olimpia*, de Paris, está causanda enorme sensação. Não evoca a Espanha, mas sim as deusas sagradas do Oriente.

—«Quando ontem a vi, escreve Gomez Carrillo, eu não evocava as festas de Sevilha, sua terra natal, mas a lembrança do Grande Templo de Nikko, onde uma jovem sacerdotisa, coberta de dragões de ouro, palpita continuamente, e tambem certos santuarios hindús, nos dias em que as bayaderas santas se torcem em frente do altar de «Krischna».

E' com efeito a mesmo rito obscuro e poderoso em que a luxuria e o terror misturam os seus segredos, embora sob um outro ceu e uma outra fé. E' o mesmo hieratismo, a mesma obstinação ritmica, o mesmo tremor do corpo, as mesmas mãos enigmaticas que parecem agitar-se num delirio de exorcismos.

Porque esta dansarina, cujos longinquos antepassados beberam o filtro das paixões, no fundo da Asia, conserva sempre na gravidade maravilhada das pupilas e no premir dos seus braços nús os sinaes do mais terrivel dos delirios.»

* * *

ESTÁ já em distribuição o fasciculo VI da *Historia da Colonização Portuguesa no Brasil*, no qual o professor Luciano Pereira da Silva conclue o capitulo I e começa o capitulo II sobre *A Arte de Navegar dos Portugueses*, desde o Infante a D. João de Castro. Trás em folha solta um soberbo retrato a côres de D. Manoel I, por Roque Gameiro. Esta obra ficará como um dos grandes monumentos do tempo presente á gloria dos nossos maiores. Brevemente se procederá á distribuição do fasciculo VII.

Chá das cinco

Os cravos que tu me déste

Foi ha três anos, pelo Santo Antonio, num bazar de caridade. Lembro-me como se fôsse hoje. A policromia estridente dos balões, a frescura das raparigas, a alegria dos cantares, tudo se juntava em homenagem ao santo português que mais endoidou a cabeça das moças.

Eram cravos vermelhos os que tu me déste. Não m'os quizeste vender, no singelo pudor de não receber dinheiro de quem se ama, ou se começa a amar...

Foram esses cravos que nos ligaram. A festa durou muito, a noite toda. E antes que a aurora despontasse, outra aurora raiara, nas nossas almas, nos nossos corações moços, ardentes, apaixonados...

Durou muito este amôr? Nem o sei. Suspeito que dura ainda... Sei que foi calido, ardente, como um beijo de cigana, vermelho como os cravos que tu me déste.

Foram eles que nos ligaram. E são eles, hoje ainda, — relicario da minha paixão, que eternecidamente guardo — que me fazem lembrar-te, escrever-te, desejar-te minha como outra, só minha, toda minha.

Foi ha três anos pelo Santo Antonio... Oxalá que o santo milagreiro quizesse juntar este ano os cacos estilhaçados do nosso amôr...

Felix Correia.

RESTAURANT ROMA, LT.ª
(Antiga Flôr de S. Roque)
100 — RUA DO MUNDO — 104
Optimo serviço á lista e jantares de mesa redonda.
Fornece serviços completos de «lunchs», jantares e «soirées».
—— Preços sem competencia ——

A NOITE TRAGICA

O auditor do tribunal militar vai devolver á 1.ª divisão o auto do «Dente de Ouro»

São ámanhã ouvidos pelo sr. dr. Almeida Ribeiro, juiz auditor do 1.º tribunal militar territorial os ultimos tres oficiais que falta inquerir sobre os acontecimentos de 19 de outubro. São eles o capitão de fragata sr. Procopio de Freitas, o capitão sr. Pires Falcão, que se encontram reclusos em S. Julião da Barra, e o 1.º sargento reformado da guarda republicana sr. Heitor, preso no Limoeiro. O sr. dr. Almeida Ribeiro vai enviar á 1.ª divisão do exercito o auto do 1.º cabo Abel Olimpio, o «Dente de Ouro», a fim desta repartição o devolver ao tribunal de marinha.

INSTITUTO COMERCIAL
PEREIRA DE SOUSA
FUNDADO EM 1899
RUA NOVA DO ALMADA, 53
CLASSES ESPECIAIS DE HABILITAÇÃO RAPIDA PARA GUARDA-LIVROS E CLASSES GERAIS DIURNAS E NOCTURNAS. Por terem concluido os cursos alguns alunos, ha ainda algumas vagas por preencher. Pedir programas e condições.
Não confundir este antigo e acreditado Instituto com outras escolas com o mesmo titulo ou apelido.

CAMBIOS

DIA 8

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	64$000	66$000
¹/Londres, cheque	4 1/16	4
» 90 d.	4 3/16	—
Rio ¹/Londres	7-17/32	—
¹/Paris	1$182	1$218
¹/Itália	$676	$696
¹/Bélgica	1$090	1$124
¹/Suiça	2$475	2$555
¹/Espanha	2$043	2$112
¹/Berlim	$045	$050
¹/Holanda	5$055	5$220
¹/Nova-York	12$910	13$320
Austria	1/2	2
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1.250	1.350

A POLITICA NA CAPITAL DO NORTE

AS PROPOSTAS DE FINANÇAS

o 19 de Outubro, Cunha Leal

E A QUESTÃO DE MOÇAMBIQUE

O "DIARIO DE LISBOA" CONVERSA COM O SR. DR. JOSÈ DOMINGUES DOS SANTOS

Porto. Praça Nova. Braço dado, o jornalista e o politico. Ambos têm pressa: um tem o comboio, o outro o escritorio. O sr. José Domingues dos Santos é um chefe partidario, uma especie de Antonio Maria da Silva, do Porto. Diz assim:

—Ele fez mal em não ter vindo para o partido democratico...

A pregunta tinha sido a respeito da posição politica-partidaria do sr. Cunha Leal. Acrescentou:

—Ora veja lá! Um radical meter-se por um partido conservador dentro. Vá lá uma pessoa fiar-se. Emfim: foi para onde quiz. Acabou-se. Mas dá certa vontade de rir.

E sorriu. O sorriso dos politicos é um geito. Nós temos a impressão de que os politicos precisam de sorrir. Claro que depois sujeitam-se a que ninguem os tome a serio. Mas adeante. Passava um carro de bois, e desviamo-nos a um lado da rua das Flores.

—Isso das propostas de finanças?

O dr. Domingues dos Santos encheu a sua cara de nova claridade, olhitos espertos e afeitos a equilibrios e respondeu:

—Tudo aquilo nasceu do Almeida Ribeiro não ter prevenido ou consultado o Portugal Durão ácerca das alterações que ia propôr. O ministro melindrou-se; é justo.

—Concorda com as propostas? Quem tem razão?

—As propostas não as posso aceitar em absoluto, e o Almeida Ribeiro fez objecções justas. Mas acabou-se. Tem de se fazer qualquer coisa. No seu fundo, é preciso encarar com os tributos com coragem. Temos andado a adiar.

—Particularidades?

—Eu reputo parte dos impostos inexequiveis. Para que havemos de fingir? Cumpre-se? Tanto melhor, mas só á vista é crêr. Ha impostos que não se compreendem bem. O imposto sobre o rendimento do trabalho é anti-democratico. Afinal...

—Afinal—fizemos nós—afinal...

—E' tudo o povo quem paga.

—Imposto indirecto—fechou o jornalista.

Grande concordancia na cabeça politica do homem de leis.

—Pois bem! Por exemplo: impostos sobre transacções. Quem paga? O povo. O povo sempre. Mas ha muito de inexequivel no projecto.

—Mas as propostas não teem nada de pratico?

—Ah! Teem. Eu estou a falar-lhe sugestionado pelas suas preguntas. O Portugal Durão sabe o que faz. Os homens é que são faliveis. Eu já fui ministro. Sei quanto custa agradar.

—E prisões?

—Não concordo (indignação). Não acho bem. Então só ao fim de sete meses é que se resolvem a prender gente? Os codigos militares? Mas a gente sabe...

—Podia ter-se evitado.

—Democraticos no poder! Isto só veiu prejudicar a acção da justiça. Tira-lhe o prestigio. Prisões por oportunidades...

—Certo—disse o jornalista.

—Alguem acredita que o Coelho e os outros sejam criminosos de crime comum? Ora tem que ver classificar rebeldia uma revolução triunfante.

E resumindo:

—Disparate.

—E Moçambique?

—Ah! Isso é gravissimo!

(Cabe aqui um parentesis. Alguns idiotas dentro e fora do Parlamento imaginam que quando, em entrevistas ou artigos, se escreve que «aquilo em Moçambique vai tremido» implicitamente se está a atacar o sr. dr. Brito Camacho ou o general sr. Freire de Andrade. São pessoas que nunca puzeram o nome por baixo da defesa nobre de qualquer pessoa...)

—Gravissimo?

—Sim. E' inutil sofismar.

—Mas no Parlamento...

—O Rodrigues Gaspar não sabe nada de nada. Não lhe mandam dizer, talvez.

—Em boa verdade, aqui no fim da rua das Flores, da invicta gloriosa, que lhe parece a situação daquela nossa provincia?

—Que hemos de ter muito cuidado para a não perdermos. A União é ambiciosa e não desarma. Confio no Camacho, apezar de o achar um negativista. E' teso e inteligente. Mas aquilo não depende dele. Depende de todos...

—E então?

—Sou contra os Altos Comissarios...

—Home'ssa?!

—Os governadores com as atuais cartas organicas já podem fazer grande papel.

—Então se derem com certos Ministros das Colonias que são... (etc. o dr. Domingos concordou...) então eles, os governadores, podem governar?

—Podem, sim. O Alvaro de Castro fez tudo quanto quiz.

—Doutor. Olhe os bois...

Desviamo-nos de dois gloriosos e pequeninos ruminantes amarelo torrado, arrastando num carro primitivo bacalhau de equivoco cheiro.

—Então?

—«Mais tarde ou mais cedo» (sic) Moçambique vai-se... Vai-se — não. Deixe-me emendar. Ia-se, se não houvesse pulso. Mas ha. Ha de havê-lo. Os republicanos—embora digam que não — velam pelos direitos historicos de Portugal...

«Embora digam que não». Faz-nos lembrar aquela cantiga:

Embora digam que não,
Eu sou boa rapariga...

Mas faltavam poucos minutos para o rapido. O dr. Domingos dos Santos sumiu-se.

A exposição do Rio

Reuniu hoje, pelas 17 horas, na Associação Comercial de Lisboa, a comissão de arte do Comissariado da Exposição Rio e que é composta dos srs. dr. José de Figueiredo, dr. João Barreira, dr. Augusto Gil, Columbano Bordalo Pinheiro, Jorge Colaço e Adães Bermudes.

Bolachas de fabrico nacional

Da Companhia Comercial e Industrial Portugueza, rua 24 de Julho, 126, recebemos duas caixas de magnificas bolachas «Lena», cobertas de chocolate.

Os nossos agradecimentos.

Dr. Ramos Preto

Depois de alguns dias de permanencia em Lisboa, onde veio tratar de assuntos de interesse para a Escola Industrial de Reforma de S. Fiel, de que é director, regressou ontem a Castelo Branco o ilustre homem publico, sr. dr. Ramos Preto, ex-presidente do governo.

DIPLOMATAS

O sr. ministro de Venezuela em Lisboa parte no proximo sabado para o seu país.

300.000$00
Santo Antonio milagroso,
Que os santos todos ensina
E o azar em sorte muda,
Fará o milagre famoso
De colocar a «taluda»
Na feliz casa do PINA.

Extracção em 16 de Junho
PEDIDOS A
Costa, · Limitada
RUA DE S. PAULO, 75 a 77
Tel. 3486 C. — LISBOA

Os Teatros

O quadro novo da revista "Piparote"

Três horas da tarde. Azafama no Salão Foz. Ensaia-se o novo quadro «Propaganda de Portugal» que desde amanhã ampliará a revista «Piparote», em festa artistica da encantadora actriz Laura Costa.

Otelo de Carvalho preside ao ensaio e trabalha afanosamente. Movimenta as massas corais, aprecia os efeitos das marcações, corrige algumas, substitue outras.

E diz-nos, durante um intervalo de cartas minutos:

—Quero que o quadro novo, que é muito interessante, agrade completamente ao publico. O exito do «Piparote» anima-me a fazer todos os esforços para que excelente resultado dêem as novidades com que o estamos ampliando.

—O que é o quadro «Propaganda de Portugal»?

—Enredo simples. Um jornalista americano a quem são apresentadas todas as coisas do nosso país, dignas de serem apreciadas. Uma «charge» inofensiva e cheia de espirito... A musica é movida, saltitante. O guarda-roupa satisfez-me. (A campainha anuncia a continuação do ensaio). Perdoe-me. Não posso perder nem um minuto. A'manhã cá o espero.

Mercedes Blasco

Foi fixada em 7 decimos e 43 da parte a quota mensal da actriz Mercedes Blasco, como socia taria do teatro Nacional Almeida Garrett.

Atrás do reposteiro

No reportorio da companhia Alves da Cunha, no Brasil, figura a peça «Má Sina», de Beate Mantua, que obteve um grande triunfo, quando da sua primeira representação.

—Amanhã, no Nacional, não ha espectaculo, para se realisar o ensaio geral da peça de Afonso Gayo, «O Condenado», que sobe á scena no sabado, em 8.ª recita de assinatura.

—Parece que em setembro a companhia Augusto Gomes se desmanchará com a saida de alguns artistas, entre eles Henrique Alves, ficando portanto em condições de, com ela, se não poder tentar qualquer exploração teatral.

—São cinco as recitas de assinatura que a companhia Barreto-Balester vai dar no Sá da Bandeira, do Porto, seguindo depois para Madrid, onde reaparecerá em agosto, no Reina Vitória. Em outubro inicia uma «tournée» por Espanha, indo a Lobroño, Valadolid, Valencia, Santander e Gijon.

—No Nacional, ainda este mês se fará uma «reprise» da peça «O Centenario», com Clemente Pinto no papel de «Raul», criado por Rafael Marques.

—Partiu para o Porto a actriz Deolinda Sayal, da companhia Ruas, por não tomar parte no desempenho da fantasia «A Vida».

—O teatro Maria Vitória, no Parque Mayer, deve inaugurar os seus espectaculos, com a revista «Lua Nova», dentro de dez ou doze dias.

—A festa do distinto actor-emprezario Otelo de Carvalho realiza-se no Salão Foz no proximo dia 20. No programa, que está sendo elaborado, figuram duas novidades destinadas a causar sensação.

—O maestro Antonio Lopes começará a reger a orquestra do teatro Salão Foz no dia 15 de corrente.

—A comissão organisadora da grande festa ao ar livre, que brevemente se realisa no jardim de S. Pedro de Alcantara a favor da Casa dos Jornalistas e da Casa Gil Vicente, reune ámanhã, pelas 17 horas, no teatro Politeama.

DE LUTO

BOTELHO DA COSTA

Solicitam-nos a publicação da seguinte noticia:

Pede-se aos alunos do curso juridico de 1920-1921 a sua comparencia no proximo sabado, ás 11 horas, na igreja da Encarnação, onde se dirá uma missa pôr alma do seu saudoso colega sr. Botelho da Costa.

OURO
SÓ PELO PESO, SEM FEITIO
6, RUA DA PALMA, 12
UNICA CASA QUE TEM UM PAVÃO

Malas postais

Pelo «Ardeola» são ámanhã expedidas malas postais para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

PORTARIA DE LOUVOR

O sr. ministro da Instrução louvou em portaria o sr. Antonio Loureiro, inspector do Jardim Zoologico, pelo zelo e assiduidade inexcediveis que tem consagrado ás funções do seu cargo e pelos assinalados serviços por ele prestados á instrução, por ser um verdadeiro conservador do nosso museu nacional de zoologia viva, tanto pela classificação e apresentação de exemplares expostos, como pela solicitude que sempre tem mostrado, acompanhando numerosas visitas escolares feitas ao Jardim, prestando todos os esclarecimentos que interessam aos estudiosos.

O sr. Loureiro percebe uma remuneração inferior á de alguns continuos.

CRONICAS DE ALÉM-MAR

Os jesuitas portugueses no Brasil

O PADRE JOÃO BAPTISTA GONÇALVES, SEU ANTIGO SUPERIOR É ENTREVISTADO PELO "DIARIO DE LISBOA"

A SITUAÇÃO EM QUE SE ENCONTRAM OS CONGREGANISTAS DE NACIONALIDADE PORTUGUESA DA COMPANHIA DE JESUS

Recife, .. Maio—O Colegio Nobrega fica um pouco distante do meu hotel, na rua de Riachuelo, ou seja a estrada aristocratica que vai para Casa Amarela. E' em pequenos *chalets*, de cêrca ajardinada, que ladeiam a linha dos *bondes*, denotando um certo conforto, um apreciavel bom gosto e uma alegria de viver que se adivinha sempre na fachada de um *chalet*, que residem os aristocratas do dinheiro, os grandes comerciantes e as familias da primeira nobresa de Pernambuco. O Colegio Nobrega não é precisamente uma residencia aristocratica. Era o antigo Palacio dos Arcebispos, que deixaram a pequena cidade de Olinda, sede do Arcebispado, ainda no tempo da dominação portuguesa, e vieram residir para o Recife, que a essa data ainda não era uma palida sombra do que é hoje. Há onze anos a esta parte, desde a sabia administração do general Dantas Barreto, pela capital do Estado de Pernambuco tem passado uma verdadeira rajada de desenvolvimento, que lhe acendeu a sede de progresso a tal ponto, que uma nova idade, completamente diversa do que então era, se levantou nas margens ridentes do Beberibe e do Capibaribe. O Recife é hoje uma cidade moderna, talhada á europeia, com as suas casas alinhadas, habitos europeus e lindas mulheres que acompanham a moda de Paris, como uma criança que vai ao cinema segue as diferentes jornadas dos *Misterios de New-York* ou das *Aventuras de Jack, o Estripador*. A moda chega, por vezes, um pouco tarde—tal qual como as novidades do cinema—mas chega sempre...

* * *

Quando chegámos a Pernambuco e um amigo nos disse, apontando o velho Palacio da Soledade, de aparencia sumptuosa, mas de modesta aparencia, que tinham fixado ali sua residencia alguns jesuitas portugueses, espalhando o seu conhecido metodo de ensino sob a direcção do padre João Baptista Gonçalves, logo manifestámos o desejo de ouvir o antigo superior dos jesuitas portugueses no Brasil. A visita ficou aprasada para o dia seguinte.

Emquanto esperavamos, no pateo de entrada, que o irmão porteiro fosse prevenir o padre Gonçalves da nossa chegada, iamos curioseando as paredes, os moveis, os tapetes, tudo quanto nos podia fornecer uma nota interessante ou assunto de curiosidade e de estudo. Numa das paredes, em frente de nós, via-se um grande retrato do Papa Bento XV, com ar de fina diplomacia que foi a maior virtude do cardeal Della Chiesa, e outro do penultimo arcebispo de Olinda e Pernambuco, D. Sebastião Leme, que é hoje o bispo auxiliar do Rio de Janeiro.

O ambiente, de modesta aparencia e de quietude monastica, convida ao recolhimento. Aqui e acolá, vêem-se fotagrafias dos alunos em grupo e quadros de honra onde se inscrevem os nomes daqueles que têm melhor aproveitamento—*ad majorem dei gloriam*.

Lembro-me de ter visto, no antigo convento do Quelhas, que hoje é o Arquivo das Congregações Religiosas, na amavel companhia do seu director, o dr. Borges Grainha, as mesmas fotografias e os mesmos quadros—ia jurar até que com os nomes dos mesmos alunos—que ha pouco vi na pequena e modestissima sala de espera do Colegio Nobrega. E—curiosa coincidencia—é no velho Palacio da Soledade que vive, já muito velhinho e amparado aos poucos anos que lhe restam de vida, mal se lembrando, talvês, de seu irmão—porque o memoria vai arrefecendo com a idade—o padre Borges Grainha.

Vi-o atravessar a cêrca, num passo centenario, as mãos tremulas, o olhar vago, os labios em oração e a cabeça a pender para o chão, onde as velhas sabem ler paginas que ainda não vieram iluminar a nossa mocidade...

* * *

Quando o padre Gonçalves entrou, o amigo que nos acompanhava curvou o joelho, numa reverencia, e beijou-lhe a mão. Cumprimentámos, como se o padre Gonçalves ainda fosse do seculo e não devesse obediencia á Companhia de Jesus—*perinde ac cadaver*.

Foi com uma extraordinaria afabilidade que estimou muito conhecer-nos e se ofereceu amavelmente para nos mostrar o colegio, de *fonde eu camble*.

A entrevista surgiu, naturalmente, quasi insensivelmente. O padre Gonçalves deu-nos previa autorização para registarmos as nossas impressões.

—São jornalistas portugueses...

—Exactamente.

—E vieram por causa dos aviadores.

Dissemos que sim. O padre João Baptista Gonçalves, que nasceu em Coimbra e foi durante nove anos o director da missão portuguesa na Zambezia, mais baixo do que alto, a batina a cair-lhe até aos pés; o nariz ligeiramente aquilino, os labios finos e um olhar que denota uma grande vivacidade de espirito e uma inteligencia clara—que aborda ao mesmo tempo e com a mesma proficiencia os mais diversos assuntos; o padre João Baptista Gonçalves falou-nos com uma extraordinaria admiração de Gago Coutinho e de Sacadura Cabral.

—São dois portugueses ás direitas. Audacia, sciencia e coragem até ali!

Não era precisamente a travessia aerea do Atlantico, embora fôsse muito grato ao nosso espirito falar dos dois audaciosos aeronautas, que nos tinha conduzido pela mão até á porta do antigo Palacio da Soledade. Desviamos, propositadamente, o fio da nossa palestra. O padre Gonçalves contou-nos então como tinham chegado ao Brasil os jesuitas portugueses e como, depois de alguns anos de fazerem vida em comum com os seus irmãos italianos, o geral da companhia dividiu o país em três obediencias: a do Sul, que ficou sendo a provincia alemã; a do Centro, onde se tinham estabelecido ha muito tempo os jesuitas italianos, e que lhe continuou pertencendo, e a do Norte, onde se estabeleceram os padres portugueses.

—Quando chegaram ao Rio os dois primeiros jesuitas portugueses, houve certas dificuldades na entrada... Moveram-se influencias... Foi necessario conseguir para eles o *habeas-corpus*...

—Depois modificaram-se as condições...

—Sim. Fomos muito bem recebidos pelos nossos irmãos italianos, que nos abriram os braços. Dividimo-nos pelos colegios de Stú, Triburgo e Santo Ignacio, onde estivemos proximamente ano e meio. Os prelados brasileiros pediam constantemente os nossos serviços... Abrimos então uma residencia Campanha (Minas Geraes) sob a nossa exclusiva responsabilidade... Mais tarde, estabelecemo-nos em duas casas: S. Carlos do Pinhal e Sorocaba, em S. Paulo—que ainda hoje são ocupadas por jesuitas portugueses, mas que tendem a desaparecer, visto que estão na area da obediencia italiana...

O padre João Batista Gonçalves fez uma pausa, para ordenar as suas recordações. Depois continuou assim:

—Em 1911, abriu-se o Colegio Antonio Vieira, na Baía, e pouco depois outro em Caiteté, no sertão, proximo de S. Francisco. Alguns padres vieram depois para Belem do Pará. No Estado da Baía abriu-se ainda uma pequena residencia, no local onde o padre Alexandre de Gusmão tinha fundado um seminario, que estava em ruinas... E' na residencia de Santo Antonio da Barra, num dos arrabaldes de S. Salvador da Baía, que vive hoje o superior da missão, o padre Antonio Pinto. Se passarem por lá, não se esqueçam de bater á porta... Serão bem recebidos... Há ainda outra casa em Belem da Cachoeira.

—O Colegio Nobrega foi inaugurado...

—Em 1917. O arcebispo de Olinda e Pernambuco, D. Sebastião Leme, vendeu-nos esta casa por tresentos contos.

—Tresentos contos que estamos pagando—acrescentou o padre Antonio de Magalhães, que se tinha aproximado—chegámos ao Brasil sem dinheiro... Diz-se lá fóra que os jesuitas têm muito dinheiro... que aqui dentro ha grandes riquesas... que vivemos no Paraiso... E' o que ha de menos verdade... E' isto que os senhores estão vendo...—e apontou as paredes do Palacio de Soledade e o modesto gabinete do director do colegio: uma secretaria, quatro cadeiras e um retrato de Santo Inacio de Loyola.

—Quem vir a casa pelo lado de fora—continuou o padre Gonçalves—ha de julgar que residimos numa luxuosa vivenda, rodeados de conforto... Enganam-se. Como vêem, este palacio não passa de uma hipocrisia: muita promessa por fóra e muito pobresa por dentro... E aqui têm—é o seu estribilho predilecto.

—Não havia possibilidade de arranjar outra casa...—fizemos nós.

—Já pensámos em modificar esta... higienizar, digamos assim—agradou-me o neologismo—mas parece-me bem que não vale a pena...

E citou um ditado:

—Quem constroi uma casa nova sobre uma casa velha, ou constroi uma casa nova, ou constroi uma casa velha... Mas temos um plano: construir um novo colegio, quando tivermos recursos para o fazer... Está ali a planta... Custa perto de três mil contos... E' muito dinheiro!

—O colegio tem uma grande frequencia?

—Em media, 300 alunos por ano.

—E foram bem recebidos pelos pernambucanos?

—Como em todo o Brasil. Se tivessemos vindo mil jesuitas, tinhamos tido que fazer, com uma aceitação extraordinaria...

—A que atribue V. R.ª esse acolhimento?

—A' influencia dos jesuitas portugueses na colonização do Brasil.

—O colegio da Baia tem uma frequencia maior?

—400 alunos, em media. E' na Baía que reside o padre Cabral... Deu um grande incremento á congregação que os padres portuguezes ali fundaram para alunos das escolas superiores... Tem anexo um circulo de estudos scientifico-religiosos dirigido por ele... Os congregados vivem num pensionato academico, de 80 a 100. E' o que lá em Portugal se chama uma *Republica*...

Enalteceu os serviços prestados pelo padre Cabral á causa da religião e acrescentou:

—O padre Cabral levou alguns crentes, que há trinta e quarenta anos não se confessavam, á pratica efectiva da religião...

* * *

Iamos atravessando a cêrca, ensombrada pela rama espessa das mangueiras. O padre Gonçalves continuou:

—Por emquanto, aqui nos vamos remediando como Deus é servido. Como não temos sala de actos, é mesmo na cêrca que fazemos aquela festa que se costumava fazer todos os anos em Campolide, para distribuição de premios, diplomas, etc. A nossa maior ambição é conseguir um colegio modelo, onde a mocidade se prepare convenientemente para os estudos superiores.

E como quem pede desculpa de ter uma ambição:

—Podiamos ir para o interior e ensinar a doutrina de Cristo e educar a gente humilde e ignorante do sertão... Mas temos a consciencia de que nos tornamos mais uteis ensinando as crianças da cidade, que, por sua vez, hão-de ter uma influencia decisiva no desenvolvimento e na educação progressiva dessa gente sertaneja.

Saimos da cêrca, atravessámos uma rua onde passa a linha dos *bondes* e entrámos em outra dependencia do Colegio. Três vacas holandesas passeavam a sua indolencia sob a folha verde-escura das mangueiras. O padre Gonçalves chamou-as pelos seus nomes, dissenos qual era a mais nova, qual era a que dava mais leite e qual era a que tinha tido mais filhos.

A uma pregunta nossa, a entrevista prosseguiu, no mesmo tom de conversa amena:

—Ha uma grande dificuldade em recrutar novos padres para a companhia... Por emquanto, ainda não temos noviciado... Estamos até na contingencia de fechar algumas casas... Os padres vão morrendo... Não ha quem os substitua... Os brasileiros têm uma grande dificuldade em se adaptar á vida eclesiastica. Gostam da vida mais livre... E' natural...

De uma aula proxima chegava até nós o rumor da *pratica* que um padre estava fazendo aos seus alunos.

—E aqui têm—continuou o padre Gonçalves—não temos feito milagres... O Recife é um meio quasi exclusivamente commercial, o gosto literario e scientifico não está ainda bastante desenvolvido. Ha aqui um colegio de protestantes, que nos faz uma grande concorrencia, só porque tem o curso comercial...

—A religião catolica está desenvolvida no Brasil?

—Ha um grande espirito religioso por todo o Brasil, mas ha tambem uma enorme dificuldade em conseguir ministros da religião. O brasileiro, por indole e por educação, não segue a carreira eclesiastica...

Tinhamos terminado a visita. O padre Gonçalves, quando se despediu de nós, pediu-nos muito que não deixassemos de visitar o padre Cabral na nossa passagem pela Baía. Não perdemos o nosso tempo.

Norberto Lopes

Tratamento garantido das blenorragias
pela GONOVACCIN, polivalente do Instituto BEHRING, de Marburg
Consultem os nossos preços e instruções
Depositarios: RAUL VIEIRA, L.DA
RUA DA PRATA, 51 TELEF. 3586 e 2194-C.

CARVÃO DE COKE
JÁ RECEBEMOS, SENDO FEITAS AS ENTREGAS AOS DOMICILIOS EM SACAS SELADAS DE 50 QUILOS
Pedidos a RAUL VIEIRA, L.DA
RUA DA PRATA, 51 Telefones: 3586 e 2194 Central

PAGINAS PARA A HISTORIA

A largada do "Fairey 16"

DA ILHA DE FERNANDO NORONHA

O aparelho só conseguiu levantar vôo á terceira tentativa, no meio de grande ansiedade da guarnição do cruzador "Republica"

Impressões de Norberto Lopes e fotografias de Arnaldo Garcez, enviados especiais do «Diario de Lisboa»

EM FERNANDO NORONHA — 8 de Maio

O "FAIREY 16"

fazendo o seu primeiro vôo de experiencia, levando a bordo o comandante Sacadura Cabral e o mecanico Caperta, na tarde do dia 8 de Maio. Fotografia tirada da ponte do «Republica»

Fernando Noronha, .. Maio — Levantámo-nos hoje ao romper da manhã para ver sair o hidro-avião. Em Fernando Noronha houve gente que mal dormiu, com receio de acordar tarde e perder o vôo magnifico do *Fairey 16* por sobre a baia de Santo Antonio. Não é todos os dias que nesta ilha perdida do Atlantico, que tem um vapor fundeado de dois em dois meses, se vêem passaros daquele tamanho voar a grande altura; tão alto que as aguias não tocaram ainda com as suas azas o espaço azul que o avião português alcançou hoje por cima da ilha de S. Jorge.

No alto da fortaleza, sobranceira ao mar, além dos presidiarios, que têm uma especial predilecção por este espectaculo tão belo de liberdade, que as azas brancas, as azas gloriosas de Portugal lhes deram ensejo de admirar, reuniram-se o governador, o secretario, o almoxarife, o farmaceutico, *sió* Teixeira, todos os funcionario do presidio, mulheres e filhos.

Na estação radiotelegrafica, no semaforo, no observatorio meteorologico, em todos os pontos altos da ilha havia gente que desde o romper do dia aguardava, numa espectativa impaciente, a partida do avião para os rochedos de S. Pedro.

— Sempre é hoje que parte aquele danado bicho?

— Oh, *sió!* estou mórtinho por vêr ele já levantá vôo.

— Não andará ali démonio de bruxaria, *nhôr* Braz?

O caboclo, que é desconfiado, não vê com bons olhos que «aquele dânado bicho» levante o seu vôo audacioso por sobre o Atlantico e vá poisar junto da costa do Brasil, onde os urubús são os unicos conquistadores alados do espaço.

Na *baisa*, quando iamos a caminho do *Republica*, *nhôr* Braz pediu-nos o nome do mais velhinho dos aviadôr, para mandar uma carta a Madame Epitacio Pessoa, a pedir a comutação de pena:

— Vale mais a liberdá duma pessoa qué todas as riquezas da terra...

* * *

Quando entrámos no navio, pouco depois das 7 horas, tinham começado já a abastecer o aparelho de gazolina, de perto de 750 litros, que o avião compertou com o tanque suplementar que ontem tinha ficado pronto a receber o combustivel. O comandante Sacadura, sentado em cima duma lata de gazolina, com o seu fato-macaco vestido, já pronto para levantar vôo, não dizia uma palavra. E' o seu feitio britanico. Na vespera tinha-nos prometido uma entrevista. Estavamos na camara do comandante, em volta duma mesa pequena, onde o almirante Gago Coutinho se entretinha a fazer calculos, quando eu e o Tomás Ribeiro Colaço lhe formulámos a primeira pregunta. O comandante Sacadura olhou muito para nós, depois tapou os olhos com as mãos, como quem se concentra durante dois minutos, e por fim disse-nos apenas isto:

—Os srs. não tenham pressa. Quando voltar dos penedos, faremos uma entrevista. Deixem-me resolver agora este bico de obra...

—Podemos estar confiados, comandante...

—Absolutamente. Depois preguntem-me o que quizerem... Agora não tenho cabeça para juntar duas ideias que não digam respeito aos preparativos da viagem...

Estamos á pôpa do *Republica*: o comandante Muzanty, o imediato Vilarinho, oficiais, marinheiros e o jornalista. As cabeças mal se mexiam e os olhares concentravam-se na bomba que ia chupando por minuto mais de dez litros de gazolina. Um pintor teria feito uma tela magnifica, á Nuno Gonçalves ou á Velasquez. Durou uma hora a manobra. Em cima da helice, um marinheiro segurava o tubo de cautchouc, que ia transportando a gazolina para o avião. Na carlinga, o mecanico Soubiran regulava a entrada do combustivel para os depositos.

* * *

Em todas as caras se lê uma ansiedade que não se pode traduzir em palavras, uma ansiedade mais de se conhecerem as dificuldades que há para o avião levantar vôo com aquele peso de gazolina do que da propria temeridade gloriosa dos navegantes do ar. O comandante Sacadura tem o pulso rijo e sabe encarar o perigo com uma admiravel serenidade. O rumo do avião deixem-no por conta do almirante Gago Coutinho, que está ainda na camara do comandante, preparando os seus aparelhos, o sextante, os cronometros, a carta de navegação e o *lunch*.

Os marinheiros, que passam de um lado para o outro, tranportando oleo, afastando cabos, cumprindo ordens, têm todos um ar impaciente de espectativa e uma grande esperança de que o aparelho descole com um peso de gasolina muito superior ao seu raio de acção.

Terminou a manobra. O imediato dá uma ordem, que é imediatamente cumprida:

—Desamarra o cabo!

O avião fica apenas ligado á pôpa do navio por uma corda finissima. Vai-se afastando, a pouco e pouco, serenamente, com as azas um pouco inclinadas e as *sapatas* meio submergidas...

* * *

A's 8 e 25, ouve-se um toque de continencia. E' o almirante Gago Coutinho que sai do seu camarote, com os aparelhos nas duas mãos, o *passe-montagne* na cabeça, vestindo calças brancas, uma camisola cinzenta e um colete castanho. Desta vez não leva a bengalinha. A bengalinha era a alma do *Lusitania*. Morreu o *Lusitania*, a alma foi direitinha ao seu.

Perfilam-se oficiais e marinheiros á passagem do almirante. Vai, como sempre, bem disposto, alegre, sorridente. Salta ligeiro para o gazolina. Outro toque de corneta: á vontade!

Segue-se o comandante Sacadura. A cabeça descoberta, a cara tisnada pelo sol do Equador, a fisionomia dura, de linhas bem vincadas, e de cigarro na boca, sempre de cigarro na boca. O gazolina corta a agua direito ao avião.

O imediato, á pôpa do navio, agita o boné numa saudação e diz:

—Almirante! Sacadura! Felicidades! Boa viagem!

Mal se ouve a voz dos aviadores:

—Obrigado! Obrigado!

* * *

A embarcação tocou agora mesmo um dos flutuadores do aparelho. Dois marinheiros, cada um em seu flutuador, içam as grelhas que obrigavam o avião a mergulhar menos a cauda na agua. Outro marinheiro vai alcançando as seis latas de gazolina que o aparelho leva, além daquela que os depositos comportam.

O comandante Sacadura impacienta-se, não está disposto a perder tempo, quere partir quanto antes:

—Põe lá isso depressa! Vamos embora!

Está tudo pronto. O mecanico Soubiran salta da carlinga para o gazolina. O tempo não promete nenhuma surpreza. E' certo que o ceu está nublado, ligeiramente nublado, e ninguem deve confiar neste tempo do equador. E' muito traiçoeiro. A's duas por três vem um aguaceiro, depois outro e outro, levanta-se a ventania e ai de quem anda no ar, á mercê das furias do vento! O mar está chão, corre uma aragem branda.

O comandante Sacadura esqueceu-se do relogio, mas não se esqueceu da pistola. Vê-se o cano a sair da bolsa de couro, pela abotoadura do seu fato de ganga.

—O meu relogio!

—Tragam depressa o relogio do comandante Sacadura!

Emquanto se espera que chegue o relogio, que um marinheiro foi buscar á camara do comandante, o almirante Gago Coutinho olha para as nuvens, alonga a vista pelo Atlantico e junta os labios, como quem faz menção de assobiar.

A's 8 e 30 salta o aparelho e ocupa o seu logar de observador, detrás do piloto. Vai sentado numa caixasinha, onde se transporta o *lunch*, sobre uma almofada, e rodeado por latas de gazolina. Ficam-lhe os braços livres fora da *cóca* para observar a altura do sol e evitar as boias de fumo que hão de guiar o aparelho sobre as ondas. Com o peso da carga, o avião tem os flutuadores até meia altura orgulhados na agua. A grande dificuldade está em descolar. Depois...

Depois, seja o que Deus quizer! Azas de Portugal, que voaram já sobre o Atlantico o maior percurso e o mais audacioso que a historia da aviação maritima regista, voar sempre com rumo á gloria, azas de Portugal!

* * *

Cinco minutos depois, o comandante Sacadura instala-se no seu logar, aperta o cinto de salvação e põe na cabeça o seu *passe-montagne*. O almirante Gago Coutinho vai dispondo as coisas para montar os instrumentos de navegação.

A' popa do navio, oficiais e marinheiro formam um cacho que tem alma para viver ainda uma hora de ansiedade, depois das muitas que viveu já, de Lisboa ao penedo de S. Pedro, com uma abnegação e um espirito de sacrificio que honram a marinha portuguesa.

Ouve-se a voz do imediato.

—Larga o cabo!

E' o ultimo cabo que liga o aparelho ao navio. O *Fairey 16* vai-se afastando agora cada vez mais da popa do *Republica*. A's 8 e 37, a helice começa a girar, primeiro devagarinho, dando-nos a impressão dos braços de um penitente, que se cruzam para invocar o nome de Deus; depois com mais força, vertiginosamente, mal se percebendo o movimento giratorio produzido em cada minuto pelas suas 1:700 rotações.

O aparelho põe-se em movimento e passa a estibordo do *Republica*. O almirante Gago Coutinho volta a cabeça, agita o seu *passe montagne*; despede-se dos marinheiros, que acenam comovidamente os bonés:

—Boa viagem! Boa viagem!

A tripulação do *Pará* está toda no *spardek*, os oficiais á popa, seguindo com os seus binoculos a manobra da descolagem. O aparelho, flutuando, vai direito ao mar; muda de rumo, com a frente voltada para a ilha; aquece o motor.

A's 8 e 45 lança-se a toda a velocidade sobre as aguas mansas da baia. Fica um rasto de espuma a marcar-lhe a direcção. Encobre agora com o *Pará*; aparece logo á proa do *destroyer*; continua o motor a trabalhar com toda a força e não descola.

Estão todos os olhos postos naquele pedaço da alma de Portugal, que toma novamente a direcção do mar. Na balaustrada do navio aglomeram-se oficiais e marinheiros, na mais ansiosa espectativa. Oh, minuto de suprema ansiedade, em que todos os corações palpitam na mesma febre e no mesmo desejo ardente de ver as azas de heroismo e de gloria levantar vôo, para a grande conquista do azul!

* * *

O relogio de bordo bateu agora 9 horas. Emquanto o avião vai fazendo a sua segunda tentativa de descolagem, que tambem resultou infrutifera, uma corneta faz ouvir o toque de continencia á bandeira. A tripulação perfila-se e o pavilhão verde e vermelho de Portugal vai subindo, subindo, até tocar a parte maiz alta do mastro da ré, no topo da caranqueja.

A baia toda enche-se de um rumor de notas agudas e o sol vai riscando no azul a sua marcha eterna para o poente.

O aparelho volta a seguir a mesma esteira; lança-se sobre a agua a grande velocidade; a helice gira com a maxima força; tem-se a impressão de que, se o motor fosse mais forçado, tudo aquilo desaparecia num segundo, em menos tempo do que leva a pensar.

O avião passa agora a bombordo do *Republica*, paralelamente ao navio. Corremos todos á balaustrada. Minuto de emoção, de profunda e religiosa emoção, em que o pensamento se concentra apenas naquela ideia: com uma persistencia doentia, formidavel, que corresponde a um estado de espirito de alta tensão nervosa; em que o coração bate apressadamente, com uma frequencia de pulsações que pretende rivalisar com as do motor; em que os nossos olhos vêem sómente a fita branca do aparelho a deslisar sobre a agua; em que tudo se cala, tudo palpita, tudo vibra de sagrada emoção; em que os labios ressam insensivelmente a prece do nosso desejo; em que todos nos irmanamos na mesma febre e na mesma ansia alada de ver o aparelho a subir, a subir e desaparecer ao longe por sobre a ponta norte da ilha.

Um novo arranco do motor, mais forte, mais rapido, mais certeiro e os flutuadores começam a sair da agua, lentamente, pausadamente,

—Lá vai! Lá vai! Lá vai ele!

Ainda não descolou completamente, mas já do cruzador rompeu a mais emocionante, a mais sincera, a mais calorosa ovação que ouvi em dias da minha vida. A tripulação do *Pará* corresponde ao nosso entusiasmo.

—Bravo! Bravo!

E os bonés agitam-se no ar e os lenços acenam e os braços dizem adeus. Oh! aquele divino minuto de alegria!

Sobe mais, vôa por cima da baia. Toma depois o rumo dos Penêdos e vai-se afastando, a pouco e pouco.

—já vai alto! já vai alto!

O relogio de bordo marcava 9 h. 2 m.

* * *

O *Republica* prepara-se para largar. Está tudo a postos; as maquinas têm pressão; é só levantar ferro.

—Iça o gazolina!

A manobra é rapida. Descemos para o escaler de bordo, que ficou na baia com cinco marinheiros. Queriamos ir tambem, mas não foi possivel.

A's 9 e 15, o *Republica* saía a toda a velocidade na direcção dos rochedos de S. Pedro.

A's 3 horas da madrugada ainda não tinhamos uma noticia positiva e estavamos a 170 milhas do ponto onde o *Fairey 16* tinha naufragado! Em Fernando Noronha houve gente que não dormiu aquela noite. Na igreja tinham-se feito preces pelo feliz regresso dos aviadores.

Foi só alguns minutos depois que, por uma indiscreção—descanse M. Cavalero, que não vou comprometê-lo—conseguimos mandar para Lisboa este cabograma:

Provavelmente perdidos. Pesquizas «Pará» «Republica» infrutiferas.

Na estação radiotelegrafica, a muito custo, aceitaram um radio para bordo do *Republica*. A resposta chegou as 5 e meia da manhã. Dizia assim:

Estou á vista vapor inglés «Paris-City», que encontrou aviadores. Cumprimentos.—Comandante «Republica».

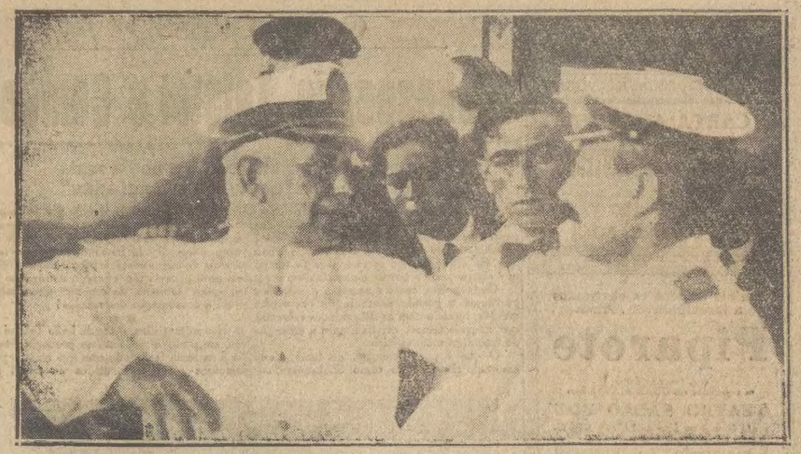
Estavam salvos! Corremos ao telegrafo. A esta hora, pensavamos nós, Lisboa já deve saber, por outra via, que a boa estrela de Gago Coutinho e Sacadura Cabral—os dois portugueses mais falados em todo o mundo neste primeiro quartel do seculo XX—mais uma vez os protegeu da morte, depois de lhes ter quebrado as azas.

Norberto Lopes

Está obtendo o maior exito a reportagem do nosso enviado especial Norberto Lopes, sobre o *raid* Lisboa-Rio. De todos os pontos do pais estamos recebendo cartas e telegramas de felicitações.

A seguir publicaremos, não só cronicas, contendo notas completamente ineditas para a historia da travessia do Atlantico, como artigos e entrevistas feitas na cidade do Recife, sobre a politica brasileira.

Norberto Lopes, encontra-se actualmente a bordo do cruzador *Republica* esperando o *Fairey 17* á entrada do porto da Baía do Cabral



NOS ROCHEDOS — 6 de Maio

SACADURA CABRAL

combina com o comandante do «Bagé» o arriar do «Fairey 16». Ao centro vêem-se o antigo oficial da armada sr. Alvaro Maria, representante do «Lloyd Brasileiro», e o nosso redactor-enviado especial Norberto Lopes

EM FERNANDO NORONHA — 8 de Maio

GAGO COUTINHO

conversando, na ponte do comando do «Bagé», com o comandante do cruzador «Republica», sr. Muzanty, e com o comandante sr. Costa Mendes, sobre a hora da largada do «Fairey 16»

NOS ROCHEDOS — 6 de Maio

A CHEGADA DO "BAGÉ"

A's quatro e meia da tarde do dia 6, o vapor do «Lloyd Brasileiro» chegava em frente dos Rochedos de S. Pedro e S. Paulo. Ao longe, quasi no logar onde naufragou o «Lusitania», vê-se o «Republica»

NACIONAL Telef. N. 3049

HOJE—DESPEDIDA IRREVOGAVEL das interessantissimas peças

CARTA ANONIMA

CAVALGADA NAS NUVENS

SABADO, 10 — 8.ª recita de assinatura — A representação da peça em 5 actos, original de AFONSO GAYO

O CONDENADO

Resiste a todos os confrontos a incomparavel revista

Piparote

que, todas as noites, se representa em DUAS SESSÕES no

TEATRO SALÃO FOZ

sendo ámanhã em festa de LAURA COSTA ampliada com o quadro novo

Propaganda de Portugal

e interpretando a festejada

Numeros novos

Teatro Chiado Terrasse

EMPRESA «A INTERNACIONAL»
GERENTE: A. EMAUZ

HOJE—Sessões da Moda

com a engraçada revista

Tiro ao alvo!

coplas novas no

Aeroplão

CALDAS DA FELGUEIRA

BEIRA-ALTA CANAS

AOS QUE SOFREM

Cura radical da: Bronquite, doenças do coração, flebites, peles, gota e reumatismo artritico

AS MELHORES DA EUROPA

Hotel de 1.ª ordem

ABERTURA 1.º DE JUNHO

Informações: RUA DO OURO, 275

INGLEZ

PROFESSOR ENSINA PRATICO E TEORICO

Metodo rapido, podendo dar lições em casa do aluno

Carta a este jornal a A. M.

Clodoveu Mendes

Comissões

Consignações e representações

Material electrico

Rua do Arco Bandeira, 70, 3.º

LISBOA

O PROGRESSO

Shakespeare, Tolstoi e Camões

Como o nosso primeiro poeta podia mais facilmente ter escrito "Os Lusiadas"

Segundo uma interessante estatistica, recentemente publicada, provou-se que Shakspeare, levando seis mêses a escrever o seu «Hamlet», te-lo-ia feito em dezoito dias, visto que foi durante esse curto espaço de tempo que ele rabiscou o borrão da sua famosa peça.

Os restantes cento e sessenta e seis dias gastou-os o grande poeta inglês nas copias que fez, lutando com as dificuldades extremas que, naquele tempo, existiam para a execução de trabalhos manuscritos.

O que é para lamentar, de facto, é que um genio tão fecundo como Shakspeare, cujos vôos de imaginação tão alto atingiram, se visse forçado a ter de desperdiçar dias e dias copiando as suas obras, debruçado sobre uma banca de trabalho, como qualquer escriturario vulgar.

Hoje temos a «Remington» para escrever —o que nos falta é o Genio para ditar.

Camões teria produzido menos laboriosamente os seus «Luziadas», «Sonetos» e as restantes poesias que deixou dispersas se, á semelhança de Tolstoi, possuisse uma «Remington», a auxilia-lo nos seus grandiosos vôos intelectuais.

O que ele não teria feito! E' bom notar que o imortal cantor das glorias nacionais, tendo salvo os «Luziadas» de dois naufragios e não de um como a principio se afirmou, teve de fazer, pelo menos, duas copias para que o seu precioso trabalho pudesse ser entregue á tipografia. Avaliando por Shakspeare, será facil calcular o tempo perdido—sim, porque a maior desgraça da Humanidade é o tempo desperdiçado inutilmente, porque nunca mais volta—e nesse espaço aquele cerebro luminoso poderia ter operado maravilhas pelas quais teremos de esperar—quem sabe? —até á consumação dos seculos!

* * *

Nos nossos dias, o conde Leão Tolstoi deveu, em parte, a sua enorme produção literaria á extrema facilidade com que os seus pensamentos eram transmitidos ao papel por meio da maquina «Kemington» que ele considerava a sua mais preciosa colaboradora, bastando apenas 6 dias para dactilografar «Ana Karenine», uma das suas obras mais sugestivas.

A fotografia que reproduzimos, uma das poucas que nos apresenta o excelso patriarca russo, na intimidade do seu gabinete de trabalho, provará com a maior eloquencia as afirmações que acima fazemos.

Ora, se os grandes escritores da antiguidade não puderam possuir uma maquina «Remington» pelo simples motivo de este engenhoso aparelho ainda não existir, o mesmo não se dará com os actuais, graças ao grande inventor Remington cujo nome lembrámos num dos nossos ultimos numeros.

Sergio de Montemor

Tolstoi *e as suas três colaboradora.*

Banco Popular Português

RUA AUREA, 56 a 60

Depositos á ordem e a praso

Compra e venda aos melhores preços do mercado: Cambiais, Papeis de credito, Coupons nacionais e estrangeiros vencidos e a vencer.

TELEFONE, 3521

AVENIDA

HOJE

Recita da Moda — O grande sucesso

A maluquinha de Arroios

Brilhante desempenho da Companhia CREMILDA-CHABY

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — ás 8,30 da noite — HOJE

Grande programa animatografico

A 2.ª e ultima jornada do emocionante «film» de grande sucesso

ATLANTIDA

Grande combate de «box» CRIQUI contra LEDOUX

ZORONDO LA BELLA

Ultimas exibições — Ultima semana do notavel cançonetista de transformação e fantasia

Elegantes «toilettes» — Magnificos efeitos de luz

POLITEAMA

Empresa Luis Pereira

Telef. N. 3028 — A's 21,30

1.ª representação, pela COMPANHIA AMELIA REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO da comedia de PASO e ABATI, tradução de D. JULIA ESCORCIO

A menina virtuosa

TEATRO APOLO

Telefone N. 4129

HOJE—Sucesso enorme

Aplausos constantes

A fantasia revista regional

PORTO, tantos de tal

Canções populares — Ditos de espirito em profusão — Grande aparato — Optimo desempenho — Um carro electrico em andamento

EDEN-TEATRO

Companhia Espanhola Barreto Ballester

Hoje — Ás 21 horas (9 da noite) prefixas 3 graciosissimas zarzuelas do «genero chico» Pela primeira vez

La Enseñanza Libre

La Gran Via

que ontem obteve um estrondoso exito, e

La Mala Sombra

delicada obra dos Irmãos Quintero

Enormissimos exitos desta Companhia — Ordem do espectaculo: 1.º Mala Sombra; 2.º Enseñanza; 3.º Gran Via

Estão suspensas as entradas de favor

Segunda-feira, 12 — Penultimo Espectaculo da Companhia de zarzuela — Festa artistica do primeiro actor PEDRO BARRETO

Terça-feira, 13 — Ultimo Espectaculo da Companhia — Festa artistica do primeiro actor LUIS BALLESTER

Para estas duas extraordinarias recitas está aberta a folha no camaroteiro do EDEN, tendo os srs. assignantes preferencia até ámanhã, quinta-feira, 8

Dentes artificiais

BERNARDINO NUNES

Rua da Palma, 40, 1.º

Muito mais baratos, de origem alemã e importação directa:: Colocam-se aptos á mastigação, sem despeza de extracção ou consulta

PAPELARIA VIUVA MARQUES

ARTIGOS PARA ESCRITORIO

Sortimento completo de livros para escrituração comercial. Preços modicos.

36, Rua do Ouro—Telefone: 267

MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 3285. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

OURO e PRATA muito mais BARATO e SÓ pelo PESO

Cordões, correntes, travessões e mais objectos

Grande sortido

SÓ na CORREIA, MOURA & PIMENTA, L.ª

Rua de S. Paulo, 186

(Proximo á Casa da Moeda)

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

A VIDA EM ESPANHA

O EXERCITO

e o discurso de D. Afonso XIII num banquete em Barcelona

"E' preciso voltar sem perda de tempo á união e á disciplina"

MADRID, 8

Os jornais ligam uma grande importancia ao discurso que o rei pronunciou hoje em Barcelona, no almoço que em sua honra foi dado pelos oficiais da guarnição. Nesse discurso, cujas frases foram acolhidas calorosamente e constantemente ovacionado, D. Afonso constatou claramente e sublinhou muito de proposito a necessidade que ha para o exercito espanhol de voltar sem perda de tempo á união e á disciplina, solenemente juradas, mas que certos movimentos, umas vezes de caracter particularista, outras de caracter colectivo, cujas intenções certamente são muito boas, mas cuja acção é perniciosa, não pode ser tolerado por mais tempo. (O rei aludia ás juntas militares). O discurso pronunciado pelo rei já esta tarde teve eco na sessão de camara, onde o deputado Barcia se lhe referiu, pedindo que a questão, que foi examinada pelo rei, o seja igualmente na tribuna parlamentar e discutida e liquidada de uma vez para sempre.—(H.)

A amisade anglo-italiana

PARIS, 7.

Noticias de Italia dizem que na camara continúa o debate acêrca da solidariedade anglo-italiana, reclamando, todavia, alguns deputados que a Italia mantenha a mais absoluta liberdade de acção.—(L. A.)

Novas do Brasil

Foi lançada a primeira pedra do pavilhão Norte-Americano da Exposição

RIO DE JANEIRO, 8

Foi lançada a primeira pedra do pavilhão dos Estados Unidos, na Exposição do Centenario, tendo assistido á cerimonia madame Epitacio Pessoa.—(A).

A proclamação do Presidente eleito da Republica

RIO DE JANEIRO, 8

O Congresso proclamará depois de ámanhã o candidato eleito para Presidente da Republica, o qual, como se sabe, é o sr. dr. Artur Bernardes.—(A).

Morte do jornalista Elpidio de Figueiredo

RIO DE JANEIRO, 8

Morreu o conhecido jornalista Elpidio de Figueiredo, antigo deputado por Pernambuco. Actualmente era secretario do «Jornal do Brasil», um dos maiores periodicos do país. —(A).

ECOS DE GENOVA

A ATITUDE DOS BELIGERANTES

A França e a Belgica

uniram-se contra

A Russia dos "soviets"

A conferencia de Genova foi um ensaio da conferencia de Haia.

Todas as nações iam desconfiadas, de animo incerto por desconhecerem as disposições umas das outras. Disse Keynes que, se a conferencia de Genova conseguisse determinar definitivamente as varias correntes de opinião, já teria um resultado apreciavel. Ora quanto ás nações que tomaram parte na guerra o seu partido definiu-se claramente, scindindo-se em extremistas, Franca e Belgica dum lado, Russia do outro, e moderados, a Inglaterra e Italia.

Quanto aos neutros, a sua orientação foi mais indecisa, mais apagada. Limitaram-se a trabalhar nas comissões tecnicas, e a sua disposição para com a Russia, que é afinal o nó da dificuldade das conferencias, não se precisou.

Dando, porém, atenção ao que se vai passando, vemos que os neutros se dividem em dois partidos fundamentais, tal como as potencias que fizeram a guerra: aqueles que perdem reconhecendo os «soviets», com a integrante nacionalisação de bens estrangeiros, por causa das riquezas que lá possuiam ao estalar a revolução, e aqueles que, por pouco lá possuirem anteriormente ou pela larga perspectiva de vantagens que antevêem, preferem a reconciliação, seja em que circunstancias fôr.

* * *

No entanto, excepto algumas nações que tivessem possuido grandes riquezas na Russia, como a Suiça, que acaba de apresentar reclamações, e que se aliarão presumivelmente ao ponto de vista francês, os neutros deverão formar um bloco de opinião bastante homogenea.

Em Genova limitaram-se a escutar os debates entre a França, a Inglaterra e a Russia; não se manifestaram duma forma positiva; sentia-se que estavam muito mais com a Inglaterra do que com a França, mas sentia-se apenas; a sua iniciativa, as suas palavras nunca permitiram coloca-los oficialmente ao lado desta ou daquela nação.

Mas os neutros têm esboçado melhor a sua vontade desde Genova; sente-se que não estão dispostos a conservar o logar secundario que guardaram em Genova. A Suecia tem feito sentir bem claramente que não é incompativel com a Russia, e em Espanha, onde durante a Conferencia de Genova já se reclamou contra a atitude recolhida dos seus representantes, acentua-se a propaganda e a corrente de opinião, aconselhando para Haia não só uma politica espanhola, mas, ainda mais, a chefia da opinião dos neutros.

Assim, formar-se-ia um outro grupo, a par do grupo em que domina a Inglaterra e daquele em que domina a França, ambos de beligerantes; formar-se-ia o grupo dos neutros, em que a Espanha teria o papel de mentor.

A opinião da Europa, ficaria estabelecida em correntes definitivas, e de aqui resultaria uma vantagem incalculavel. Saber-se-hia, com que contar, o que cada um quere e qual é a verdadeira opinião da maioria, e assim ficaria debelada a maior dificuldade que se tem anteposto a um trabalho de reconstituição economica europeia: o isolamento de cada nação, e o caos das opiniões gerais, que não têm existido, por assim dizer, numa ocasião em que ela é mais indispensavel que nunca, porque a reconstituição da Europa não é trabalho nem vantagem duma só nação, mas de todas, sem excepção.

A SAUDE DE LENINE

UMA DOENÇA

que tem causado em todo o mundo os mais desencontrados boatos

Tratar-se-ha de um ataque cerebral ou de apoplexia?

BERLIM, 7

O jornal bolchevista «The Rul», que se edita nesta cidade, no seu numero de ontem, diz o seguinte sobre o estado de saude de Lenine:

«O chefe bolchevista sofreu uma congestão cerebral e encontra-se em estado grave».

Litvinoff e Padech, que tinham vindo á Alemanha negociar a extensão do tratado de Rapallo a todas as Republicas sovietistas, regressaram rapidamente a Moscou chamados por um telegrama.

De Londres, no entanto, dizem que, segundo noticias de Helsingfors, o estado de Lenine inspira serios cuidados. Afirma-se que sofre um ataque de apoplexia.

De Petrogrado confirmam tambem as noticias, que chegaram ante-ontem, de que Lenine foi atacado dum ataque cerebral. A impressão naquela cidade é grande e tem sido o assunto de todas as conversas.—(Diario de Lisboa).

Ultima hora

Os fabricantes Donas, da Covilhã, com deposito nesta cidade á rua dos Fanqueiros, 187, 2.º, acabam de receber nova remessa de lãs e estambres para fatos e vestidos por preços baratissimos e ao alcance de todas as bolsas.

Tambem vendem aviamentos de alfaiate.

Nota — Garantem sempre 30 por cento, a quem provar que compra por iguais preços.

Telefone C. 3033 — **SOUZA, MOURA & C.ª, L.da** — End. Tel. «SOURA»

CASA BANCÁRIA

103, RUA AUREA, 105

LISBOA

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

"DIARIO DE LISBOA" { Vende-se, em Paris, na "Portugaise Publicité", Boulevard Magenta, 30

ROCHA MARTINS

MEMORIAS

SOBRE

SIDONIO PAIS

Magnifico volume em papel simile-couché profusamente ilustrado, contendo grande copia dos mais importantes documentos historicos do periodo dezembrista.

A' venda em toda a parte

Pedidos ao "A B C", R. do Alecrim, 65

TITULOS E COUPONS

NACIONAIS E ESTRANGEIROS

COUPONS Brasileiros, Argentinos e Chilenos

Compram desde já aos melhores preços

Pancada, Morais & C.ª

Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

RUA DO AMPARO

A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA

TELEF. C. 3541

NÃO ESQUECER!!...

Os fatos em Paletot e Jaquetão, Fardamentos, Calças, Coletes de Fantasia, Casacos de alpaca. Sobretudos e outros agasalhos que ha feitos e se executam por medida na

CASA DAS TESOURAS

51, 51-A, R. D. Politecnica, 53, 55

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

LISBOA ÁS GRADES

O Limoeiro está á cunha!

O "Diario de Lisboa" ouve o coronel sr. França Junior, director das Cadeias Civis

O jornalista já conhece o Palacio do Conde de Andeiro—por dentro e por fora... Por isso não estranhe o espectaculo.

São duas horas. E' a saida das visitas. Aguardamos que ela termine, no pequeno cubiculo gradeado á entrada—ante-câmara da desgraça.

A Dôr passa. Tem muitas idades, aspectos diversos. Numas é linda como um botão de rosa que um raio de sol mais quente emurchecu um pouco; noutras tem cabelos brancos, faces enrugadas, contorcidas de desespero:

—Até ámanhã... Até logo, sr. Gomes!

Ouvem-se dramas, contados em duas palavras:

—O baptisado estava para ser ás onze. Eram dez e meia quando morrer...

Agora, é a rapariga do Manuel Ramos que passa. O «seu homem» vai responder—pela terceira vez:

—A mim palpita-me que apanha uns dois anitos de correccional. Já os tem cumpridos...

Terminou o lugubre desfile. O sr. Almeida, sub-chefe dos guardas, introduz-nos gentilmente no gabinete do coronel sr. França Junior, director do Limoeiro, do Aljube e de Monsanto.

—Meu coronel, o *Diario de Lisboa* queria que v. ex.ª lhe dissesse alguma coisa...

—Sobre a aglomeração de presos?

—Exactamente. V. ex.ª oficiou ao procurador geral...

—E' verdade. Isto assim não pode continuar!

E vêem numeros:

—A parte do Limoeiro que não ardeu, é para 278 homens. Tenho cá 573.

—Em Monsanto...

—Onde ha logar para 500 estão 678. Uma desumanidade e uma imprudencia. Não por receio á indisciplina, como um jornal, certamente por ispso, chegou a dizer. Para manter a disciplina cá estou eu.

—Inconvenientes da aglomeração?

—Principalmente de ordem sanitaria. No outro dia, deram-se no Aljube dois casos de variola. Imagine que no Limoeiro, em Monsanto ámanhã surge uma epidemia. Será terrivel. Nem quero pensar nisso!

—Para evitar que isso se dê...

—Reclamei novamente. Ou reconstruam o que ardeu, ou arranjem outra cadeia. Mas o meio mais facil será pôr rapidamente a andar os processos e fazer seguir o seu destino os condenados.

—São muitos?

—200. Ha muito tempo que não seguem para Africa.

—Quantos presos tem, aguardando julgamento?

—800. Chegam a estar um ano, dois, três até, sem serem julgados. E' uma barbaridade... Deviam fazer como em Inglaterra: individuo acusado de crime a que corresponda pena correccional, não pode estar preso preventivamente mais de 6 mezes.

—O Tribunal de Defeza Social?

—Esse tem andado depressa. Os outros são mais morosos. E agora vem dois mezes de ferias judiciais...

Saimos. Atravessamos três ordens de grades. Ao fundo da escadaria, sorridente, o sr. Antonio Augusto, chefe dos guardas, ao saber do que iamos tratar, comenta:

—Quando eu para cá vim, ha 19 anos, já se falava em construir uma nova cadeia... E desconfio bem que já não é no meu tempo... Se o Limoeiro tem ardido todo, então, sim, acreditava. Mas assim—nós que nos vamos arranjando!...

Quando tomámos o carro, ainda havia, á esquina, lenços acenando para aquele sepulcro de vivos...

O "DIARIO DE LISBOA" Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril

OUTRA "ÉTAPE" DA GLORIA

De Pernambuco á Baia em 5 horas e meia

A' chegada ao Porto do Cabral os aviadores são delirantemente ovacionados e levados em triunfo pelas ruas

As noticias oficiais confirmam inteiramente as informações enviadas pelo nosso correspondente especial em Pernambuco e que inserimos noutro logar. O *Fairey 17* deve ter chegado á Baia ás 14 horas (hora local).

* * *

O sr. ministro da Marinha recebeu efectivamente, como tambem o nosso correspondente diz, um telegrama de Sacadura Cabral agradecendo as saudações que lhe haviam sido enviadas em nome da marinha portuguesa. E' do seguinte teor:

Agradecemos sinceramente as felicitações de v. ex.ª, pedindo licença para lembrar que a travessia do Atlantico executada pela Marinha de Guerra Portuguesa e por nós, é obra de v. ex.ª.

* * *

O cruzador *Republica* partiu ontem de Pernambuco para a Baía do Cabral, a fim de ali aguardar a chegada do hidro-avião e prestar-lhe assistencia. O ponto em que vai fundear fica a cerca de 200 milhas da Baía e do porto de Victoria. O aparelho seguirá depois para este ultimo porto.

A CHEGADA A' BAIA

BAÍA, 8—O "Fairey 17„ amarou ás 13 e 30 (hora local) tendo os aviadores desembarcado logo em seguida.

Os milhares de pessoas que anciosamênte aguardavam a sua chegada conduziram-nos em triunfo, estando preparados grandes festejos em sua honra, para esta noite.

Há um entusiasmo delirante, sendo muito vitoriado o nome de Portugal e dos arrojados navegadores do ar.—(Correspondente).

Os festejos na Baía em honra dos aviadores

BAÍA, 8

Tudo se prepara para que os festejos em honra dos aviadores não sejam em nada inferiores aos realizados no Recife. A ansiedade é geral, sobretudo depois da comunicação da vinda do hidro-avião para aqui. Os aviadores prosseguem o *raid* ámanhã. — (A.)

O festival maritimo em Lisboa

O festival maritima por ocasião de se receber a noticia oficial da chegada dos aviadores ao Rio de Janeiro deverá ser o seguinte: os navios embandeirarão em arco apitando as sereias e salvando com 21 tiros os que o possam fazer. Os estabelecimentos de marinha deverão içar a bandeira nacional e á noite iluminarão as suas fachadas, o arsenal iluminará em especial cujos trabalhos já estão prontos.

O posto radio de telegrafia de Monsanto lançou dois radios comunicando a hora da saída do avião de Pernambuco e a sua passagem por Maceió.

Os aviadores contam chegar ao Rio no dia 11

BAÍA, 8

Os aviadores contam chegar ao Rio de Janeiro no proximo dia 11, a fim de tomarem parte na festa nacional do Brasil, comemorativa da batalha naval de Riachuelo, em que o almirante Francisco Barroso, barão do Amazonas alcançou uma vitoria gloriosissima sobre a armada do Paraguay. Gago Coutinho e Sacadura Cabral voarão sobre o munumento que aquele heroi brasileiro, que nasceu em Portugal, possue numa das praças do Rio, associando-se assim ás manifestações do povo, do exercito e da marinha nacionais.—(A).

A TARDE PARLAMENTAR

O ministro do Comercio em cheque?

A questão dos T. M. E. levanta uma grande discussão

A chamada regimental faz-se ás 15,15, sob a presidencia do sr. Domingos Pereira.

Responderam 45 legisladores.

A proposta do sr. Velhinho Correia que é, afinal, um contra-projecto, coloca em cheque o sr. ministro do Comercio.

O sr. Lima Basto apresentará um projecto sobre os Transportes Maritimos.

A respectiva comissão parlamentar quasi o inutilizou. Agora, o sr. Velhinho Correia, membro da maioria, apresentando o seu trabalho, pratica um atentado contra a vida do governo, porque o sr. Lima Basto não está disposto a recuar um simples centimetro.

* * *

E' energico o discurso do sr. ministro do Comercio. Será o primeiro—afirma—a não votar o contra-projecto. O sr. Velhinho Correia interrompe de quando em quando o sr. Lima Basto.

Duas frases do sr. Lima Basto:

—Não quero contribuir para a continuação dos crimes até agora cometidos com a frota mercante nacional!

—Embora capacitado das boas intenções do contra-projecto, não me convenço senão com o poder irrefutavel dos numeros.

* * *

Os campos estão muito divididos. O chefe do governo foi sentar-se na «terra de ninguem» entre os srs. Ferreira de Mira e Sousa da Camara. O sr. Nunes Loureiro conversa largamente com o sr. Barros Queiroz.

Não será isto sintoma de que o sr. Velhinho Correia será muito acompanhado na votação do seu contra-projecto?

* * *

16 e 30. O sr. dr. Domingos Pereira despeja uma carga de agua sobre o debate.

—São horas de entrar na ordem do dia!

O sr. ministro do Comercio fica com a palavra reservada para ámanhã.

FALSOS POLICIAS

Uma prisão importante

Foi hoje preso o sr. Sergio Principe, director da Confederação Patronal

Informam-nos do governo civil:

Um jornal da manhã noticiou que a policia de investigação estava tratando de uma diligencia ácêrca do aparecimento duns bilhetes de identidade falsos, iguais aos que usam os agentes daquela policia.

Os bilhetes foram apreendidos numa tipografia em Vila Franca de Xira, sendo preso o seu proprietario.

Segundo as nossas informações que damos como seguras, ainda não foram aprendidos os tais bilhetes falsos, mas sim as provas tipograficas para a sua confecção.

Os bilhetes eram destinados a individuos que faziam parte de uma policia especial, de uma agremiação em destaque ultimamente criada com o fim de os referidos agentes entrarem á vontade nas associações operarias, para assim de perto poderem informar aquela agremiação do que se lá passava.

Sabemos tambem que os tais agentes não se serviram dos bilhetes para qualquer serviço que tivesse ligação com a policia.

Mais se dizia que as autoridades encarregadas das diligencias tinham já averiguado que os referidos bilhetes não eram destinados á tal agremiação, mas sim a qualquer fim politico, pois existem agentes da policia de informação cujos serviços são apenas nas associações de classe e outras reuniões operarias, trabalhando sob as ordens do chefe do distrito.

Dizia-se mais que ao fim da tarde tinha sido preso um individuo que em tempos teve um logar de destaque numa policia especial.

Segundo nos parece, trata-se dum caso misterioso e dificil de desvendar.

Um dos nossos «reporters», em face da gravidade do caso, conseguiu averiguar a verdade: tais bilhetes eram destinados á Confederação Patronal, com o fim que acima expomos. Foi preso, por esse motivo, no seu escritorio na calçada do Correio Velho, á Madalena, o sr. Sergio Principe, um dos directores daquela agremiação e que em tempos foi empregado da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses sendo um dos principais organisadores e orientadores do primeiro movimento grevista que se deu naquela companhia motivo por que foi demitido.

Não tem fundamento o boato de se achar preso um individuo que em tempos teve um logar de destaque numa policia especial.

O 19 DE OUTUBRO

OS OFICIAIS PRESOS

Informam-nos de que o general sr. Pedroso de Lima, comandante da divisão, acompanhado pelos seus ajudantes, visitou ontem o presidio da Trafaria, tendo concedido homenagem na vila aos oficiais ali presos como implicados no 19 de Outubro.